

É preciso
ser presente

- Moisés Patrício

Curadoria: Alex Tso e
Luciara Ribeiro



Uma galeria de arte contemporânea 100% idealizada, construída e gerida por pessoas racializadas: artistas, equipe e parceiros.

A Diáspora nasceu para questionar o mercado artístico tradicional e promover arte que inspira, contar histórias e cria conexões com seus admiradores a partir da riqueza de outras narrativas.

Queremos aproximar o mercado de arte da realidade social brasileira, fomentando protagonismos e pluralidades raciais no circuito formal das artes. Seja por meio do agenciamento de artistas racializadas, seja na organização de atividades culturais, educativas e de formação de público. Visamos construir um espaço de referência e convergência para todes que almejam uma sociedade culturalmente plural.

Nossa proposta é conectar entusiastas, pesquisadores e colecionadores em rede, com uma abordagem democrática e acolhedora, potencializando o bem-estar do público nas suas relações com o circuito de arte e favorecendo a transformação social no âmbito coletivo e individual.

Idealizando um novo mercado de arte, a Diáspora Galeria é a única galeria de arte no Brasil cuja existência se faz integralmente comprometida com a igualdade e representatividade racial

<http://diasporagaleria.com.br/>

Casa Preta Hub

A **Casa Pretahub** é um Hub de criatividade, inventividade e tendências pretas. É o resultado de dezoito anos de atividades do Instituto Feira Preta no trabalho de mapeamento, capacitação técnica e criativa, aceleradora e incubadora do empreendedorismo negro no Brasil. É a compreensão de que muito já foi feito, mas que o futuro é promissor, vasto e precisa ser olhado a partir da inventividade preta para fazer negócio. Inventividade que não é apenas potente, mas o que de mais criativo e inovador existe nas práticas de um mercado saturado da falta de representação e proporcionalidade em seus modos de criar, desenvolver e escoar produtos e serviços.

Entendendo, aceitando e aprendendo com cada uma das etapas desta jornada, a maioria da Feira Preta, que este ano chega aos 18 anos, é celebrada com um importante reposicionamento e várias novidades: a **pretahub**.

Um hub que não se relaciona exclusivamente com a população negra como o fim de um processo solto na lógica de quem produz e consome no país. A **pretahub** pensa a relação com a cultura, a economia e o empreendedorismo pretos, a partir de um olhar honesto e propositivo, entendendo seus papéis fundamentais na mudança estrutural de uma sociedade – e um mercado – que precisa absorver esta população não apenas em seus processos de consumo, mas no respeito à sua existência enquanto potência criativa e empreendedora.

A **pretahub** compreende, portanto, que a tradicional Feira Preta é um de seus produtos, parte integrante de um processo maior e estrutural da inclusão de empreendedoras e empreendedores negros em um ecossistema empreendedor que precisa ser mais justo e equilibrado em oportunidades e resultados financeiros, desde a criação, passando pela produção e estratégias de distribuição e consumo.

<https://pretahub.com/category/casa-da-preta/>



Crédito: Rodrigo Dionisio

Moisés Patrício

Vive e trabalha em São Paulo, SP.

Moisés Patrício trabalha com fotografia, vídeo, performance, rituais, e instalações em obras que lidam com elementos da cultura latina, afro-brasileira e africana. Entre as exposições das quais participou destacam-se: Histórias Afro-Atlânticas, MASP e Instituto Tomie Ohtake, (São Paulo, 2018) Bienal de Dakar no Museum Of African Arts (Senegal, 2016), “A Nova Mão Afro Brasileira” no Museu Afro Brasil (São Paulo, SP, 2014), “Papel de Seda” no Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – IPN Museu Memorial (Rio de Janeiro, RJ, 2014), MetrÓpole: Experiência Paulistana, Estação Pinacoteca, curadoria Tadeu Chiarelli, São Paulo – SP, “OSSO Exposição-apelo ao amplo direito de defesa de Rafael Braga” curadoria Paulo Miyada no Instituto Tomie Ohtake (São Paulo, SP, 2017) e “A pureza é um mito: o monocromático na arte contemporânea” na Galeria Nara Roesler, curadoria Michael Asbury. Desde 2006, realiza ações coletivas em espaços culturais na cidade de São Paulo, SP.

<https://moisespatricio.weebly.com/>

Moisés Patrício - o diálogo no presente

Alex Tso e Luciara Ribeiro

Como dar continuidade aos sonhos neste momento de incertezas, pausas, inconclusões?
Como projetar futuros coletivos em um período de distanciamento social?

Foi partindo de questões como essas que, mesmo em meio a pandemia provocada pela COVID-19, tomamos a decisão de fazer esta exposição realidade. Organizá-la a partir da coletividade e parceria foram chaves importantes para o processo que firma os laços entre a Diáspora Galeria e a Casa PretaHub. Ambas instituições surgem de propostas que buscam através de maneira coletiva preencher, protagonizar e transformar espaços da cultura e das artes. Inaugurar esta parceria com uma individual de Moisés Patrício, artista cuja obra é marcada pela poesia do encontro, atribui mais uma camada a esse imenso trabalho. Tanto a Diáspora, a Casa PretaHub e o artista aqui presente, mostram que, ao invés da confabulação servil e subserviente que a história hegemônica tanto trabalhou e trabalha ainda para manter, há outras formas de se fazer existência no mundo, e que nós já estamos de maneira incontornável ocupando os espaços consagrados da arte e projetando suas mudanças.

A obra de Patrício nos convida a pensar o presente como um espaço único, um tempo ativo. Ela nos diz que *É preciso ser presente*, que é preciso agir. Com a série *Aceita?*, o artista atualiza constantemente a sua relação com o hoje e com o “todos nós”. Iniciada na plataforma do *Instagram*, desde 2013, a série foi materializando anseios e se transformando ao longo dos anos, conquistando um lugar nas narrativas das artes e reiterando o lugar de disputa que ela conclama. O projeto desenvolvido é marcado por um processo de coleta de objetos e cenas de lugares pelos quais esses objetos e o artista circularam. Transitando pelas ruas e pelo imaginário, o artista tensiona, em cada fotografia, uma relação entre símbolo e matéria. Através de um olhar apurado, Moisés seleciona os objetos, estende a sua mão, os posiciona no centro de sua palma e os fotografa. O gesto, que é oferecido imagetivamente como um convite: *Aceita?*, abre possibilidades para múltiplos diálogos.

Não há como compreender a produção artística de Moisés Patrício sem nos perguntarmos sobre essa questão que dá nome ao projeto: *Aceita?*. É estratégico que façamos essa pergunta para nós mesmos e para os que estão ao nosso redor. Ainda que o título se conforme em forma de pergunta, é certo dizer que a pergunta, ou realizar essa pergunta, é uma forma de afirmação e de interrogação. É um pedido, mas também um posicionamento. É uma provocação e desejo por respostas. Ou simplesmente, por reflexões sobre o mundo. De maneira retórica, o artista assume um posicionamento e fortalecimento de um movimento que já é, que está presente e que não tem volta.

Tanto pelo ato fotográfico como pelo percurso da história. *Aceita?*, nos diz sobre imagens marcadas no tempo, mas que requer uma decisão no hoje. O que você aceita e o que você não aceita? Qual o limite da sua ética? A responsabilidade assumida para si nem sempre se limita ao si, e a pandemia do COVID-19 nos fez lembrar disso. Vivemos em um mundo compartilhado, a todo momento, a ação do “eu” gera uma ação no “outro”, e entender como viver juntos se torna uma missão fundamental da existência humana.

Nesse sentido, a obra de Patrícia nos convida a negociar o viver a partir do protagonismo de sua mão. A mão nos remete ao criar, ao construir, projetar e efetivar. A mão é o elemento que o curador e artista Emanuel Araújo anunciou através da *A mão afro-brasileira*, como aquela que esteve presentes em múltiplas facetas ao longo da história do Brasil. A mão responsável por construir conhecimentos, habilidades e técnicas, por proporcionar experiências, vivências e estéticas visuais. A mão que pensa e age.

Entendendo o presente como um tempo vivo e as mãos como fazedoras e propositivas. Moisés Patrício, utiliza a sua obra para organizar redes de afeto e colaboração. Com o projeto *Botão vermelho*, o artista organiza ações que liga a circulação da série *Aceita?* com a significação do potencial da obra para arrecadar fundos e auxiliar famílias afetadas pelas desigualdades sociais intensificadas pela pandemia da COVID-19.

Com esse trabalho, Moisés Patrício nos convoca a refletir sobre o papel político, coletivo e acessível das artes. Ele se coloca como parte do todo. Ele é um elemento dessa rede, desse grupo, desse mundo. Conviver em coletividade é uma das premissas da vida daqueles que vivem às margens do sistema hegemônico. A união, o apoio e a troca são ao mesmo tempo estratégias de resistência como de entender que a vida só se faz em conjunto.

Pensar em novos processos artísticos, redefinir as origens e as bases de conhecimento deles, é entender que construir caminhos acessíveis para circulação das imagens e de seus valores. E essa é uma ação do presente. Tornar o presente um espaço-tempo de sentido é uma das premissas do trabalho de Moisés Patrício, o que se revela com essa exposição e a sequência de obras selecionadas.

Alex Tso é formado em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, com especialização em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC. Fez parte do Educativo da 31ª Bienal de Arte de São Paulo e assinou a co-curadoria da mostra “Defrontar: desimaginando fronteiras”, realizado no Memorial da América Latina, à convite do Circuito Cultural Colombiano. Atualmente é fundador da Diáspora Galeria, e traz consigo ampla vivência no mercado de arte, com passagem pela Ypsilon Escritório de Arte e pelo departamento comercial e de relações institucionais da Galeria Lume, com a qual participou de feiras como a Parte, SP-ARte e SP-Foto.

Luciara Ribeiro é educadora, pesquisadora e curadora. Interessa-se por questões relacionadas a descolonização da educação e das artes e pelo estudo das artes não ocidentais, em especial as africanas, afro-brasileiras e ameríndias. É mestra em História da Arte pela Universidade de Salamanca (USAL, Espanha, 2018), onde foi bolsista da *Fundación Carolina*, e pelo Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, 2019), onde foi bolsista CAPES. É graduada em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, 2014) com intercâmbio na Universidade de Salamanca (USAL, Espanha, 2012). É técnica em Museologia pela Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETEC, 2015). Integrou a equipe de curadoria do Instituto Tomie Ohtake. Atualmente é diretora de conteúdo da Diáspora Galeria.




DIÁSPORA
GALERIA

Existimos nos fluxos que conectam as ancestralidades às utopias. Através da arte, seguimos ressignificando passado, presente e futuro. A Diáspora Galeria se sente honrada pela possibilidade de ocupar essa Casa, onde os afetos são genuínos, e também políticos.

Não há Diáspora de uma pessoa só, por isso convidamos você a fazer parte dessa jornada, em uma aliança transformadora visando a solidariedade entre nós e a união na luta antirracista. A todos que aqui se encontram, com gratidão dizemos: "bem-vindes, pode entrar. A Casa é sua!"

Escaneie o QR Code e conheça mais sobre 

É preciso ser presente
- Moisés Patrício
Curadoria: Alex Tso e Luciana Ribeiro

Leve um pôster para casa e colabore com o projeto. Instruções no verso.

Ọwọ: ruptura e transmutação

Ana Beatriz Almeida e Thayná Trindade

A mão deita no pólen, pois como ele, ela também é involuntariamente transportada para longe com tudo que contém em si. O pólen enquanto elemento masculino que antecede os óvulos, de certo modo é um ancestral da semente: um presságio de renascimento-conseguir renascer e se fortificar na própria raiz. A ideia do renascimento mesmo com a ruptura acompanha a concepção afro-diaspórica da modernidade.

A subjugação da mão-de-obra afrodescendente aparece como fetiche nas pedras portuguesas e nos serviços de limpeza que à evidenciam como força motriz na construção de uma nação.

O projeto Brasil surge como resultado de corpos estereotipados e marginalizados que desenvolvem uma transcendência própria. Esta ética, estética e existência transformam o lugar a receber o primeiro pelourinho, num território sitiado pelo invisível ainda que marcado pela desigualdade. Bahia - onde a mão que trabalha é a mesma que abençoa. Uma verdade que disputa a vida com o projeto genocida, num movimento de reivindicação da ancestralidade no território do Mar/Kalunga, sinônimo de vida e de morte. O Atlântico que do lado de lá é lamento do lado de cá é agradecimento.

Mami Wata, fascinante e misteriosa na costa do Benin, aqui é Yemanjá dona do mar e das cabeças- o caminho de volta do ancestral. A espiral do caracol Igbin (símbolo de Oxalá) enquanto transmutação é sustentado pela mesma mão trazida a força, e que festeja sua própria vida e resistência todo segundo dia de fevereiro. Sabedoria e paciência com seu próprio processo de conscientização e ancestralização. Entre palha e pipoca, cria-se a possibilidade de cura da história, uma negociação com a morte estrutural. A mudança de chave dessa cura ocupa a possibilidade aberta no diálogo com o destino que habita 16 conchas do outro lado do oceano, aqui esta também é sua morada - acomodadas num tabuleiro de cestaria, o merindilogun está entre os pés e o caminho.

Um oráculo protegido com as contas de seu dono, aquele que através das mãos dialoga com o invisível, Moisés Patrício, também o artista. Aquele que luta por uma existência transcendental e coletiva que se estende para além daqueles por ele iniciados - em especial neste momento para a comunidade que o viu crescer.

Como em outros momentos as mãos que produzem as pedras portuguesas e realizam os serviços de limpeza correm risco de vida. Estas vidas importam, são elas que construíram o que aprendemos a chamar de Brasil. O futuro do que nós somos e do que queremos ser está na possibilidade de manutenção destas vidas, tal como as sementes das cabaças que geram recipientes poderosos de força, transmutação e renascimento.

A aquisição das obras que narram a história dessas mãos não é um gesto de caridade, mas uma forma ativa de reformulação de estruturas desiguais que sustentaram até hoje nossa forma de viver em sociedade. Nosso destino coletivo depende de escolhas entre o que se pode aceitar é o que já nos é inaceitável.

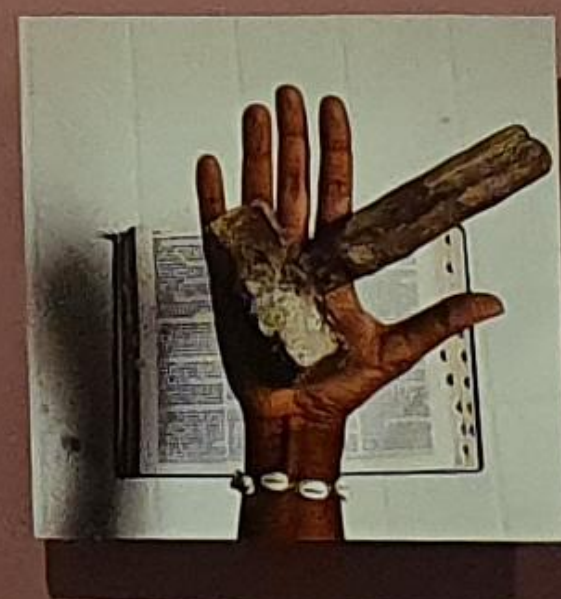
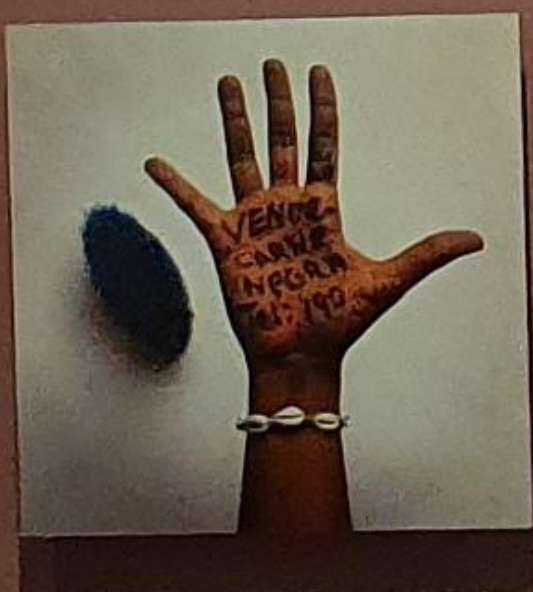
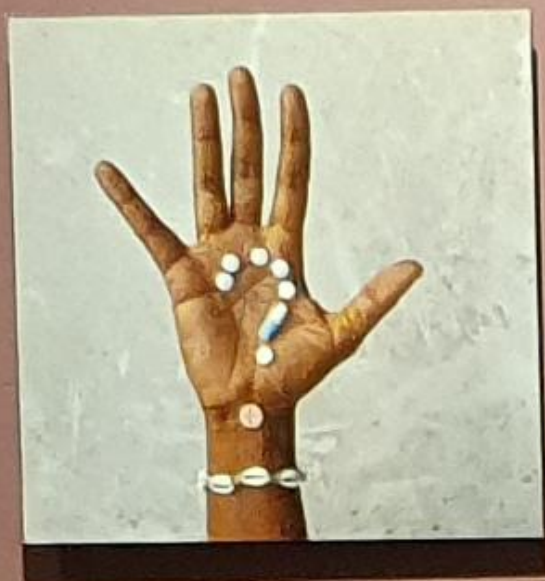
Thayná Trindade - Thayná Trindade é assistente curatorial na *0101 Art Platform* e na *Bienal Internacional de Glasgow 2020/2021* (Escócia) . Membro fundador do laboratório de *Estudos Africanos e Ameríndios Geru Maa* | UFRJ. Sua pesquisa é focada em arte preta contemporânea e processos curatoriais na diáspora brasileira, a partir de uma perspectiva quilombista e panafricana. Graduada em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ana Beatriz Almeida - Doutoranda pela *King's College*. Mestre em História e Estética da Arte pela MAC / USP- Universidade de São Paulo. Co-fundador da plataforma de arte *01.01*, curadora e artista visual. É professora no Programa de Verão da *Black Feminism- Berkley University* no Exterior e curadora convidada em *Glasgow International 2020* (adiada para 2021 por causa da pandemia de COVID - 19).



Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art
70x70 cm
Tiragem de 3

R\$ 12.700 (cada)

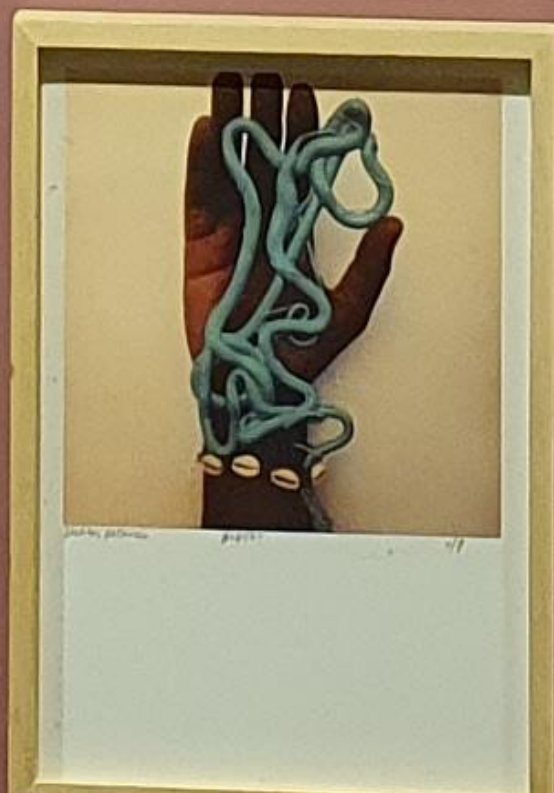
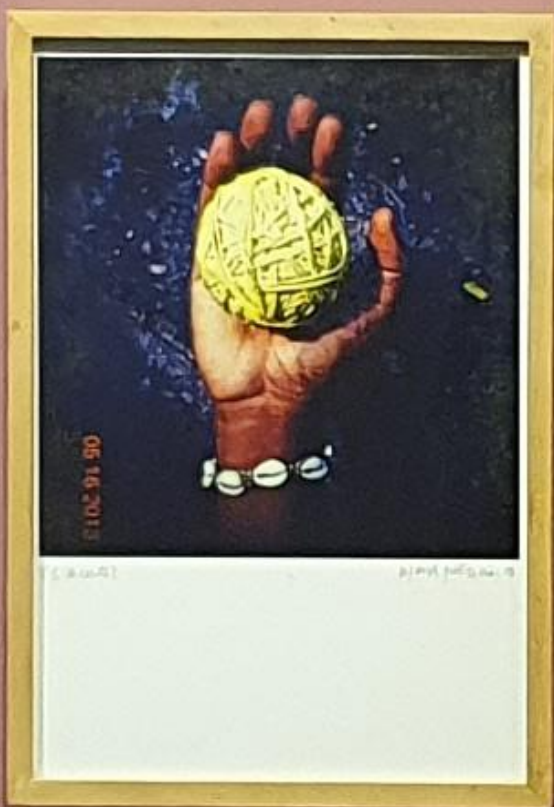
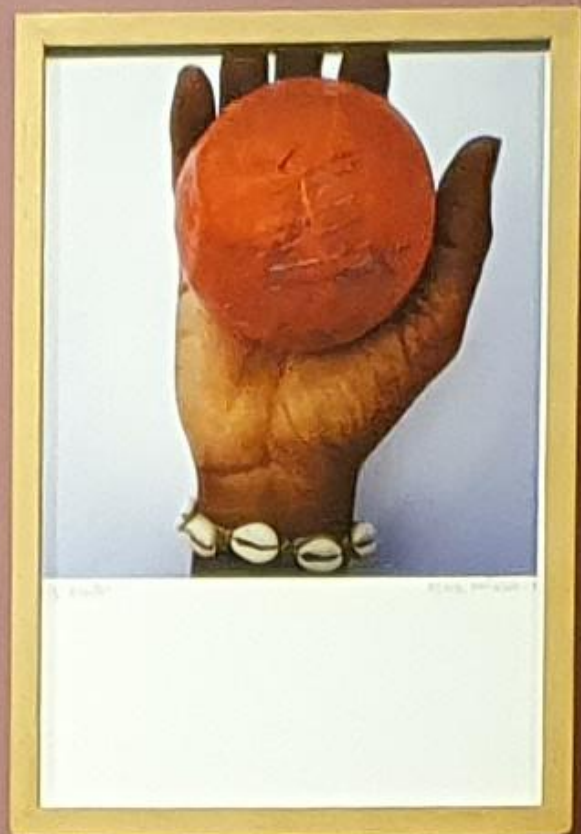
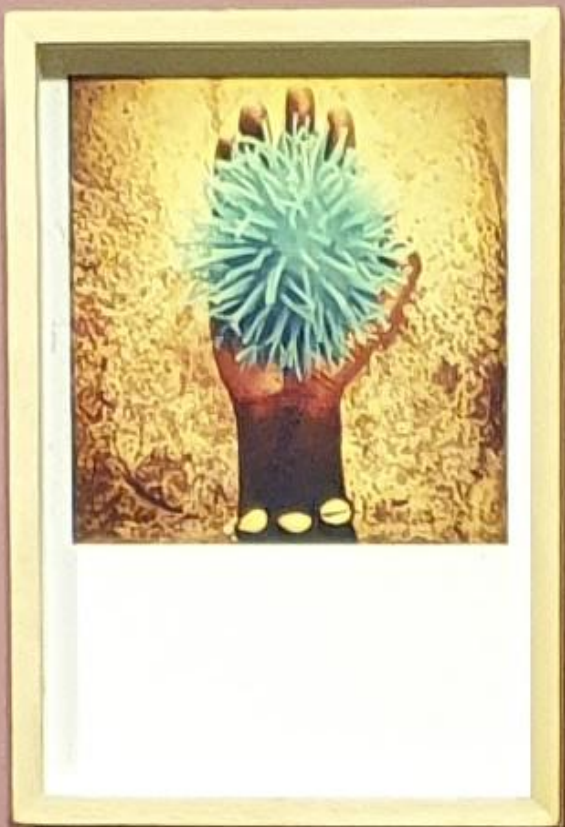


Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão em alumínio
20x20 cm
Tiragem única
R\$ 2.310 (cada)



Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão em alumínio
20x20 cm
Tiragem única

R\$ 2.310 (cada)



Impressão fine art
20x30 cm
Tiragem variável
R\$ 2.310 (cada)



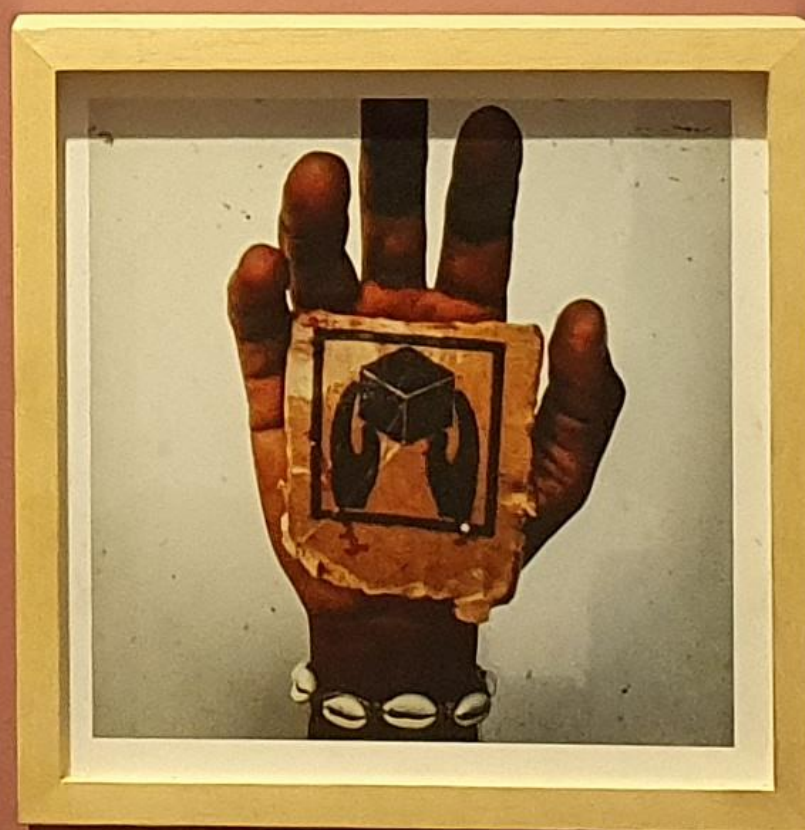
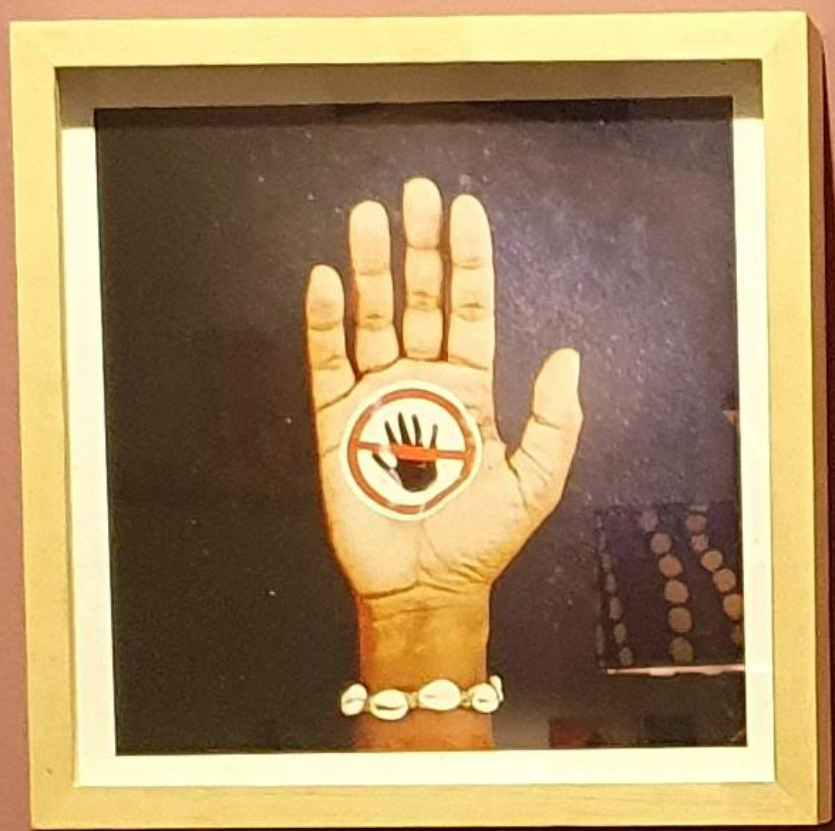
Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art
20x30 cm
Tiragem variável

R\$ 2.310 (cada)



Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão sobre azuleijo.
20x20 cm
Tiragem única + P.A.

R\$ 1.620 (cada)



Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art
20x20 cm
Tiragem de 3
R\$2.310 (cada)



Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art
20x20 cm
Tiragem de 3

R\$ 2.310 (cada)

Projeto

Botão Vermelho



Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art e bolinhas de tecido
43x30 cm
Tiragem única

R\$ 6.900

O projeto **Botão Vermelho**, coordenado por Moisés Patrício, é uma das ações que integra a exposição *É preciso ser presente*. A ação surgiu como iniciativa solidária que visa, através de doações espontâneas e contribuição de diversos agentes, colaborar com famílias cuja situação social e econômica foram agravadas pela atual crise sanitária.

O projeto destina recursos, como cestas básicas e máscaras de proteção, às famílias do Jardim Elba, Vila Industrial e Favela do Mangue, regiões localizadas na cidade de São Paulo. Até o momento, mais de 100 famílias foram atendidas. Foram distribuídos cerca de 400 cestas básicas, 200 kits de material de limpeza, 600 máscaras de proteção e 300 quilos de frutas, hortaliças e legumes.

Com o desejo de dar continuidade a esta importante ação e ampliar a sua rede de apoio, o projeto **Botão Vermelho** convida você, visitante da exposição, a colaborar, tanto financeiramente como na distribuição e logística.

Durante o período da exposição estarão disponíveis estas reproduções da série *Aceita?*, que poderão ser adquiridas através de doações monetárias voluntárias via QR Code localizado ao lado. O valor arrecadado será revertido em doações de cestas básicas a serem entregues às famílias ao longo dos meses.

Doações financeiras também podem ser realizadas através de transferência bancária diretamente na conta do projeto.

A ação convida os interessados em seguir colaborando, que entrem em contato através do telefone 011 96971-3328.

BANCO INTER - 077
MOISES SILVA PATRICIO
CPF: 31745372822
Agência: 0001-9
Conta: 12145297





Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art e bolinhas de tecido
43x30 cm
Tiragem única

R\$ 6.900

Série "Aceita?", 2013-2020
Impressão fine art e bolinhas
43x30 cm
Tiragem única

R\$6.900





Entrega de cestas básicas. Projeto Botão Vermelho. Moisés Patrício. Primeiro semestre de 2020. São Paulo

É preciso ser presente

Moisés Patrício

Créditos

Organização
Diáspora Galeria

Apoio
Casa PretaHub

Artista
Moisés Patrício

Assistentes do artista
Marcello Conrado
Wellington Dikampana

Curadoria
Alex Tso
Luciara Ribeiro

Montagem
Pablo Vieira

Apoio técnico
Neyller
Pedro dos Santos

Serviço gráfico
SP Comunicação Visual

Agradecimentos
Adriana Barbosa
Yan Ragede



Casa
Preta
Hub